

SOLIDÃO POVOADA

Realização / *Director*: Óscar Alves
Portugal / *Portugal*, 1976, 45'
Longa-Metragem de Ficção / *Feature Film*
Beta Sp Pal
v. o. portuguesa s/ legendas

Guião / *Screenplay*: Óscar Alves
Montagem / *Editing*: Óscar Alves, João Paulo Ferreira
Assistente de Realização / *Assistant Director*: João Paulo Ferreira
Fotografia / *Photography*: Óscar Alves
Anotadora / *Continuity*: Zé Abrantes
Coordenação Musical / *Music Coordinator*: João Paulo Ferreira
Produção / *Production*: Cineground
Intérpretes / *Cast*: Domingos Oliveira, Carla Tuly, Fernando Silva, José Manuel Rodrigues, João Carlos, Francisco Marques, Isabel Wolmar, Bell Dominique

Primeira longa-metragem de Óscar Alves e o único filme da sua curta carreira como realizador que explora o registo do melodrama, não será ousadia afirmar que *Solidão Povoada* é herdeira de uma estética visual do Cinema Novo, cuja grande referência é o *Verdes Anos* (1963), de Paulo Rocha. Situado numa Lisboa pós 25 de Abril, que se quer cosmopolita, o filme retrata dois casais de classe média, interpretados por Domingos Oliveira, Carla Tuly, Fernando Silva e Isabel Wolmar. Na primeira cena do filme, apercebemo-nos desde logo da relação entre o protagonista (do qual nunca sabemos o nome) e Fernando. Estamos no apartamento das Amoreiras do primeiro, e Fernando liga-lhe de uma cabine. Já no carro, a caminho de Monsanto, o protagonista recorda a sua separação da ex-namorada (Carla Tuly), num *flashback* onde vemos os dois, numa encenação teatralizada nas ruínas do Carmo, a seguirem cada qual o seu caminho. Num outro *flashback*, ele recorda como conheceu Fernando, no dia em que foi à fábrica de vidro que ele dirige com a mulher (Isabel Wolmar), fazer uma encomenda. O protagonista parece já ter assumido a sua homossexualidade há algum tempo, pois antes desse primeiro jantar, a sós, com Fernando, ele vai “despedir-se” da travesti (interpretada por Belle Dominique), ao seu camarim, dizendo-lhe que não pode assistir ao espectáculo de logo à noite, indiciando a ruptura de uma relação que foi “necessária”, mas sem futuro, pois ele, na verdade, repudia o mundo em que ela vive. Depois desse primeiro jantar romântico a sós, os dois homens acabam por dormir juntos. Na casa de Fernando, a sua mulher espera longas horas por ele e à sua chegada ela abraça-o, acabando os dois por fazer amor. Em *off*, ouvimos Fernando dizer “tudo isto é uma farsa”, enquanto recorda o seu amante, nu, sentado numa rocha em Monsanto. Este *flashback* indica-nos que a relação entre ambos já avançou no tempo e que os dois não tiveram apenas aquela noite juntos, depois do jantar, mas que são amantes há já algum tempo. *Solidão Povoada* parece querer marcar uma crescente discrepância entre um Portugal pré-revolução e uma mentalidade nova que se adivinha. Num encontro num antiquário, o protagonista e sua ex-namorada estão juntos às compras, como amigos, e o discurso dela é o da tolerância perante a sexualidade dele. Já Fernando permanece casado. Na sequência final do filme, vemos uma Lisboa cheia de gente anónima na rua, onde cada um dos quatro personagens caminha só, cruzando-se, eventualmente, sem se conhecerem (reconhecerem?). Quatro realidades que se cruzaram numa Lisboa em transformação. **J. F.**

Solidão Povoada, the first feature-length film by Óscar Alves, and the only melodrama in his brief directorial career, is a legitimate heir of the visual aesthetics of the *Cinema Novo*, whose main reference is *Verdes Anos* (1963), by Paulo Rocha. Set in Lisbon after the revolution of 25th April

1974, a city that aspires to be cosmopolitan, the film portrays two middle-class couples, played by Domingos Oliveira, Carla Tuly, Fernando Silva, and Isabel Wolmar. In the first scene, we are introduced to the relationship between the main character (whose name we will never learn), and Fernando. We are in the former's apartment in the Amoreiras area, and Fernando calls him from a phone booth. In the car, driving towards Monsanto, the protagonist recalls his break-up with former girlfriend (Carla Tuly), in a flashback where the two are seen, in a theatrical setting among the ruins of the Carmo convent, going their separate ways. In another flashback, he recalls how he met Fernando, on the day he visited the glass factory the latter manages with his wife (Isabel Wolmar), to place an order. The main character seems to have already accepted his homosexuality: before dining alone with Fernando for the first time, he takes leave of the transvestite (Belle Dominique), in the latter's dressing room. He tells her that he cannot attend her show, thus stating the end of a relationship that despite being "necessary" had no future, since he actually despises the world she inhabits. After their first romantic dinner, the two men sleep together. At Fernando's, his wife awaits long into the night for his arrival, upon which she embraces him and the two make love. In a voiceover, we hear Fernando comment, "All this is a farce", while remembering his male lover, naked, sitting on a rock in Monsanto. This flashback suggests that the relationship has progressed, and that the two did not just share the one night after the dinner; they have been lovers for a while. *Solidão Povoada* seems to aspire to signal the growing divergence between pre-revolutionary Portugal, and a new rising frame of mind. In a meeting at an antiquarian, the main character and his former girlfriend go shopping together, as friends, and her words express tolerance towards his sexuality. Fernando, on the other hand, remains in his marriage. In the final sequence, we see images of Lisbon, full of anonymous passers-by, while each of the four main characters walks alone; they eventually meet, but do not know (or recognise?) each other. Four realities that crossed in a Lisbon under transformation. J. F.